AEDOS Revista do corpo discente do PPG-História da UFRGS

Para que não seja esquecida: o acervo pessoal de Eloísa Felizardo Prestes e suas memórias

Not to be forgotten: the Eloísa Felizardo Prestes's personal collection and memories

Manoela Salvador Frederico[1]

RESUMO: O artigo proposto é resultado parcial de uma pesquisa (ainda em andamento) cujo objetivo é discutir e problematizar questões que envolvem as memórias contidas e possíveis de extrair do acervo pessoal de Eloísa Prestes. Também, buscamos compreender como a partir desse arquivo é possível que histórias subalternizadas, aquelas que se encontram nas *goznes* (dobras) ou nas chamadas *zonas cinzentas*, possam ser narradas, entendidas, analisadas e problematizadas. As peças podem ser lidas de forma a perceber traços da trajetória de vida de Eloísa que indicam seu espaço de experiência e horizonte de expectativa. Trazer à tona a vida dessa mulher através de suas memórias é possível a partir das questões levantadas pela História do Tempo Presente, a qual se volta aos documentos antes considerados de segunda categoria, evocando vozes e memórias há muito esquecidas e busca construir uma justa memória para aqueles sujeitos relegados a viver e morrer nas sombras.

Palavras-chave: Arquivos pessoais; Memória; Eloísa Prestes.

ABSTRACT: The poposed article is a partial result of a research (in progress) whose objective is to discuss and problematized issues involving the memories contained and possible to be extract from the Eloísa Prestes's personal collection. Also, we seek to understand how from this archive is possible subaltern histories, those in the *goznes* (folds) or in the so-called *gray zones*, can be narrated understood, analyzed and problematized. The pieces can be read in order to understand aspects of Eloísa's life trajectory that indicate her space of experience and horizon of expectation. Bringing the life of this woman through her memories is possible from the questions raised by the History of Present Time that it turns to documents considered second class, evoking voices and memories long forgotten and seeks to build a just memory for those people relegates to live and die in the shadows.

Keywords: Personal Archives; Memory; Eloísa Prestes.

Ter como tema de pesquisa a memória e o acervo pessoal de uma mulher negligenciada, por diversas narrativas históricas, faz-se necessário à medida que o silenciamento de trajetórias femininas torna-se cada vez mais evidente. Essa evocação dos silêncios dá-se por um volume significativo de pesquisas que vem sendo desenvolvidas a fim de iluminar os rastros deixados por mulheres na história. Esses, por vezes, considerados registros menores, pouco significativos ou pouco importantes na construção da narrativa

1 Mestranda na UDESC, bolsista CAPES, e-mail: manoelahhhh@gmail.com

histórica. Esta pesquisa, propõem-se a pensar sobre uma memória feminina através de seus guardados. Quer-se contar uma história, narrar aspectos de uma vida, tornar Eloísa conhecida, fazer um movimento de justa memória (RICOEUR, 2007).

Para elaborar essa narrativa sobre o passado, indica-se o que contém no espólio documental. O acervo de Eloísa é composto de quatro caixas de arquivo, constituídas, em sua maior parte, por minúcias que juntou em vida. Dentre elas é possível destacar boletins informativos de encontros de mulheres, recortes de jornais e panfletos de eventos. Também se somam ao acervo exemplares de periódicos feministas como o *Nós Mulheres e o Brasil Mulher;* documentos de mesma tipologia, mas em outras línguas; recortes de jornais, em francês; panfletos e *folders,* em russo e boletins informativos de encontros de mulheres, em espanhol. Ainda compondo as pilhas de papéis e as caixas empoeiradas do arquivo, há uma quantidade significativa de cadernos com recortes de jornais, como, algumas edições do *Mulherio, Nós Mulheres, O globo, Brasil Mulher, Jornal do Brasil,* que foram recortados e colados no seu interior.

O acervo pessoal de Eloísa Prestes se encontra na reserva técnica do arquivo Edgard Leuenroth. Segundo informações indicadas no *site* do arquivo, ele foi doado em fins dos anos 1990. A doação possivelmente ocorreu após a morte de Eloísa, em 1998. Na reserva técnica dessa instituição, não há nenhum tipo de organização prévia das suas peças. Sem receber os devidos cuidados e atenção, tanto do arquivo, quanto de pesquisadores e pesquisadoras, Eloísa, seu acervo e sua memória estiveram à sombra das(os) personagens que têm suas memórias salvaguardadas por este espaço de grande expressividade.

A produção histórica começa a mudar quando pesquisadoras e pesquisadores passam a questionar essas ausências. Isso torna-se possível à medida que discussões sociais sobre a presença feminina nos mais diversos setores sociais, incluindo-se as narrativas históricas. Aliados a esse movimento reivindicatório, as mudanças sociais com a ascensão dos debates feministas e as sobre gênero, é acompanhada pela produção historiográfica que passa a privilegiar outros tipos de documentos, como arquivos pessoais, obras de artes, arquivos de intelectuais mulheres, cartas, diários, fotografias, para a elaboração de pesquisas que têm como objetivo figuras marginalizadas. Não se intenta apenas evidenciar essas memórias e seus personagens como também apontar a sua importância e atuação política em diversos momentos e acontecimentos da história. Ainda que a historiografia evidencie essas figuras, as narrativas históricas mais comumente difundidas para o grande público ainda são masculinizantes.

A partir dessa perspectiva que se pretendeproduzir esta narrativa, trazendo a cena o arquivo de uma mulher que há muito esteve nas *dobras* (BAZANT, 2015) da história. Quando se evidencia o lugar que Eloísa ocupou, tem-se como objetivo tirá-la das dobras e analisar essa trajetória a partir de um momento expressivo de sua vida, ou de uma característica peculiar, visualizando seu movimento na história. É possível retirá-la desse lugar, analisando suas ações a partir de seu arquivo em consonância com o contexto social, cultural e político do tempo em que viveu. Intenta-se dessa maneira reconstruir, a partir de seus guardados, suas práticas cotidianas, seus interesses políticos e suas ações sociais.

Trataremos da história de Eloísa e o que os seus guardados possibilitam narrar. Eloísa Felizardo Prestes, a terceira filha de Maria Leocádia Prestes e Antonio Felizardo Prestes, nasceu em 1900, no Rio de Janeiro, em uma família modesta e com pouca proeminência social. Por ser uma família pouco abastada, enfrentaram dificuldades principalmente, após a morte de o pai. Passaram por esse momento haja visto que a pensão que a viúva passou a receber, não era suficiente para o sustento da família. Maria Leocádia Prestes passou a trabalhar arduamente para conseguir sustentar suas quatro filhas e seu filho[2] (PRESTES, 2008).

Enfrentando as dificuldades financeiras que sua família passava, em 1928, Eloísa entrou para o mercado de trabalho e deu início a sua carreira profissional, no jornal *A esquerda*. Não é de se espantar que tenha conseguido uma posição nesse periódico, pois, nesse período, a família tinha um círculo social mais alinhado aos pensamentos de esquerda. Tal proximidade se intensificou quando na década de 1920, seu irmão Luís Carlos Prestes, atuando no exército, se preparava para o levante tenentista.[3] Ainda nesse período, com a construção e consolidação da Coluna Prestes[4], a casa da família se tornou um local de encontros, proporcionando assim, a formação de novas alianças e relações políticas bem estreitas, principalmente, após 1927 (REIS, 2014). É evidente que não se pretende atribuir a conquista de um cargo, apenas pelo círculo social que possuíam e suas influências, mas enfatizar que esses novos contatos possibilitaram uma série de inserções sociais que talvez fossem difíceis para àqueles que não possuíssem tais vínculos de amizade.

2 As informações sobre Maria Leocádia Prestes estão disponíveis em: <https://www.brasildefato.com.br/node/5854/> Acessado em: 10 de outubro de 2019.

3 O levante tenentista foi um movimento que eclodira, na década de 1920, após a eclosão da primeira guerra mundial, que colocava em questão a defesa nacional. Foi um momento de revolta dos militares, principalmente os tenentes que estavam insatisfeitos com a política adotada pelo governo. O principal objetivo do levante era a derrubada do governo. Os movimentos que tiveram mais destaque foram os 18 do forte, os levantes de 1924 e a Coluna Prestes. (REIS, 2014)

4 Coluna Prestes foi um movimento político militar que ocorrera dentro do que se denomina tenentismo e tem como seu principal líder Luis Carlos Prestes e se contrapunha ao regime oligárquico da Primeira República.

A partir dessa primeira noção sobre as inserções políticas da família e por conhecimentos prévios adquiridos em sociedade, é sabido que os Prestes viveram momentos conturbados, enfrentando duas vezes governos autoritários. O primeiro com a Era Vargas (ABREU, 2010) e o segundo momento, na década de 1960, com a ditadura civil-militar (REIS, 2014). Pouco depois de iniciar seu trabalho no jornal, no início da década de 1930, Eloísa precisou exilar-se na Argentina, indo posteriormente, em 1931, para a União Soviética onde acompanhou seu irmão Luís Carlos Prestes. Quando exilada não deixou de atuar nas organizações de esquerda. Nesse período, esteve envolvida no Departamento Latino-Americano do Komintern[5], trabalhando como datilógrafa (BOTELHO, 2007, p. 4).

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, Eloísa retornau ao Brasil. Ainda que a sua vida e seu meio social proporcionassem uma forte inserção nas discussões políticas de esquerda, a filiação de Eloísa ao Partido Comunista Brasileiro deu-se tardiamente, em 1945, após a saída do Partido da ilegalidade imposta pelo governo de Vargas. Em 1956, Eloísa passou a trabalhar no escritório de advocacia de Sinval Palmeira, onde permaneceu até se aposentar, em 1968. Eloísa teve uma vida longeva, viveu até os 98 anos, falecendo em 03 de maio de 1998 (BOTELHO, 2007, p. 3).

A atuação profissional e política de Eloísa, durante algum tempo de sua vida, esteve ligada, como indica Botelho (2007), a imprensa de esquerda e a articulação entre partidos comunistas. Entre os jornais que ela atuou estavam outrora referidos *A esquerda, O momento feminino*[6] e a revista *Problemas* do Partido Comunista Brasileiro (BOTELHO, 2007, p. 4). Seu envolvimento com a imprensa partidária e sua atuação política lhe geraram problemas com a justiça. Em 1970, aos setenta anos, ela foi acusada, pelo Superior Tribunal Militar de tentar organizar ou reorganizar o Partido Comunista, então na ilegalidade. Seu nome é citado no inquérito policial militar[7] com a acusação de fazer parte do Comitê Cultural do PCB.

No inquérito, há uma espécie de descrição de atuação de cada um dos militantes. Na de Eloísa consta: "antiga militante comunista [...] integrante do comitê da Zona Sul e da

5 O Komintern era uma organização comunista da URSS que se articulava no intuito de promover e fortalecer as ligações entre a então União Soviética com outros partidos comunistas surgentes na América Latina. (FISHUK, 2016) Disponível em: < http://www.fishuk.cc/2016/08/ic-america.html#volta4> Acessado em 24 de janeiro de 2020.

6 Segundo o historiador Marcelo da Silva Lins a "organização das mulheres, apenas em 1947, com a criação do Jornal Momento Feminino, observamos a criação de um periódico ligado ao PCB com uma política voltada para a luta feminina, bem como, apenas em 1949 foi criada a Federação das Mulheres do Brasil com a participação de mulheres comunistas." (LINS; FERREIRA, 2015, p. 179.)

7 O inquérito em que Eloísa e outros intelectuais são acusados pela polícia militar e nesse caso em especial pela Marinha, está disponível no arquivo digital do site Brasil Nunca mais. Disponível em: < http://bnmdigital.mpf.mp.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=BIB_05&PagFis=8198&Pesq=heloisa+felizardo+ > Acessado em: 25 de janeiro de 2018.

organização de base do bairro do Catete, exerceu atividade em prol do PCB até o final de 1969. Usava o codinome Olga"[8]. A acusação de ser integrante das comissões e de organizar movimentos de base no Rio de Janeiro não é completamente infundada. Como apontam envelopes de correspondências nominadas a ela, Eloísa residia no bairro do Catete, no Rio de Janeiro. O fato de morar lá não é garantia ou prova da sua presença nas associações de bairros ou da sua participação efetiva nessas organizações. Ainda assim, essa hipótese é levantada, pois há em seu arquivo, outros documentos, como boletins de bairro com chamados para reuniões nas associações de moradores, a fim de discutir problemas enfrentados nessa região do Rio de Janeiro.

A atuação de Eloísa, na articulação das organizações das massas, especificamente, nas notadamente femininas, fica explícita em alguns documentos de seu arquivo, como é o caso, por exemplo, de um discurso escrito à mão em um dos cadernos de seu arquivo; o crachá de delegada da I Conferência Latino-americana de mulheres que ocorreu no Rio de Janeiro, em 1954; os boletins informativos sobre as organizações femininas e suas pautas; os cartazes de eventos femininos; os *folders* de manifestações do dia 8 de março. Seus guardados apontam para um grande interesse em salvaguardar registros de sua época, principalmente sobre as questões femininas, suas lutas e a construção do que convencionei denominar de cultura política feminina. Tendo em vista que se preocupou em preservar narrativas midiáticas sobre as lutas políticas engendradas por mulheres, nos mais diversos períodos históricos. Com essas informações é possível inferir que a atuação política de Eloísa não se restringiu a ocupar cargos dentro do Partido Comunista Brasileiro e da imprensa, dita de esquerda.

Seus guardados podem ser lidos de forma a observar seus círculos sociais, interesses políticos e pessoais, assim como práticas de leitura sendo a tipologia do acervo, em sua maioria, recortes de jornais. Assim, se pretende perceber em que medida os guardados de Eloísa permitem identificar seu interesse em preservar uma memória política sobre mulheres, levando em conta suas práticas cotidianas de acumulação documental. Outra questão: pode-se com esses guardados verificar a construção histórica de uma cultura política feminina que se conformava no Brasil, desde os anos 1940 até a década de 1980. Além disso, tem-se como intenção descobrir em que medida seus guardados permitem perceber a atuação militante de Eloísa nas causas femininas e de esquerda, ligadas ao Partido Comunista Brasileiro.

8 Fonte retirada do site Brasil Nunca Mais e está disponível em: < http://bnmdigital.mpf.mp.br/DocReader/docreader.aspx?bib=BIB_05&PagFis=8188> Acessado em: 09 de outubro de 2019.

O ato de reunir documentos pode apontar para traços de uma vida. Isso é endossado quando olhamos algumas fontes em particular de seu arquivo. Uma delas trata-se de um "crachá de identificação". Esse registro indica que foi delegada da Conferência Latino-americana de mulheres, que aconteceu no Rio de janeiro, nos dias 27 a 31 de agosto de 1954. Além disso, o crachá permite que possamos visualizar parte de sua biografia. A presença dessa fonte no arquivo pode nos indicar que Eloísa tinha afinidade com algumas ideias debatidas e discutidas nesse evento. Apontando para um alinhamento político voltado também as questões femininas de sua época, bem como perceber que se participou deste evento, é possível que tenha participado de outros. A partir disso, é possível inferir que a sua formação política e pessoal se deu também através de seu contato com as pautas femininas. Sua militância então, era circunscrita tanto pela atuação dentro do partido comunista brasileiro, bem como nas organizações sociais femininas.

Como dito, a acumulação dos tipos documentais de seu arquivo são um reflexo de práticas de leituras, interesses pessoais e sua vida profissional. Eloísa atuou na imprensa comunista e comunista feminina. Isso se expressa, principalmente, pela constituição de seu arquivo pessoal, pois há uma quantidade expressiva de recortes de jornais. Já seus interesses políticos, intelectuais e pessoais podem ser vistos quando se percebe o conteúdo de peças documentais, que pretende preservar narrativas sobre trajetórias políticas e sociais de mulheres. São, panfletos e fichas de inscrição de encontros de mulheres, boletins informativos sobre as pautas femininas levantadas nas diferentes épocas, panfletos de campanhas políticas de mulheres, cadernos biográficos, datilografias diversas, boletins informativos, fichas catalográficas com biografias femininas, enfim, minúcias que reuniu em vida.

É importante salientarmos aquilo que Angela de Castro Gomes (1997) denomina como *feitiço dos arquivos.* É preciso ter cautela ao analisá-los e compreendê-los. É imprescindível ter a medida entre a paixão e a cegueira, é preciso tomar cuidado para que o pesquisador ou pesquisadora, não queime a boca com o "prato cheio e quente" (GOMES, 1997, p. 125) fornecido pelo arquivo pessoal, pois ele:

> Quer seduzir o seu leitor; e usa a correspondência para tecer sua teia e nela prender os que se deixam atrair. Ele seduziu seus destinatários em amplíssima maioria e continua seduzindo seus leitores-pesquisadores fascinados pela "autenticidade" [...] Este é o grande feitiço do arquivo privado. Por guardar uma documentação pessoal, produzida com a marca da personalidade e não destinada explicitamente ao espaço público, ele revelaria seu produtor de forma "verdadeira": aí ele se mostraria "de fato", o que seria atestado pela espontaneidade e pela intimidade que marcam boa parte dos registros. A documentação dos arquivos privados permitiria, finalmente e de forma muito particular, dar vida à história, enchendo-a de homens [mulheres e qualquer outro sujeito invisibilizado] e não de nomes [...] que têm a sua história de vida, as suas virtudes e defeitos e que os revelam exatamente nesse tipo de material. (GOMES, 1997, p. 125)

Gomes (1997) adverte que o pesquisador ou a pesquisadora precisa estar atento a *ilusão da verdade* (GOMES, 1997). Pois, pode fazer com que consideremos as narrativas, lidas a partir das memórias, como verdades. Para evitá-las, é importante não perder de vista que todo o arquivo e as suas peças são parte do desejo de perpetuar uma ou outra memória daquele que o guardou, forjados, eles possuem uma intencionalidade. Uma vez que trata-se de uma montagem de um indivíduo, uma leitura sobre os fatos e acontecimentos do sujeito que resolveu eleger esse ou aquele fragmento para compor o rol de imagens de uma determinada memória.

O seu acervo é fruto de seleção, exclusão de recortes que naquele momento foram considerados pouco importantes, ou nada relevantes para compor a narrativa que o organizador resolveu guardar. Esse movimento de seleção dá a ler de forma a compreender que:

> o arquivo se insere num contexto muito específico que possibilita vislumbrar aquilo que, de alguma forma, foi selecionado como documento importante de ser lembrado, [...] [e é nesse movimento que] se pode verificar o processo histórico relacionado à memória e ao esquecimento. A partir deste "rastro" ocorre a "operação historiográfica", momento onde a memória se torna História, a partir da narrativa subjetiva do historiador. Este processo pode ser entendido como uma reaproximação da História com o arquivo, por meio de uma ação consciente de que a informação disponível neste espaço é tão histórica quanto o próprio arquivo. Informação documental produzida em meio a relações sociais que, como filtros, definem memória e esquecimento no ato de escolha do arquivamento. (KARPINSKI, 2015, p. 4)

Esses rastros permitem que o pesquisador ou a pesquisadora a partir do momento em que dão sentido aqueles documentos soltos possam construir narrativas possíveis tornando-as históricas, situando-as em um tempo e um espaço, colocando-as dentro de uma historicidade e conferindo-as estatuto de história.

Isso possibilita que se construa uma narrativa que dê visibilidade a sua participação nos diversos contextos políticos e sociais que vivenciou. Tudo que está ali contido possui recorte temporal que vai de meados de 1940 até 1980 e dão a ler o contexto político, econômico e social no qual essa mulher fez parte. A partir da compreensão de que essas peças podem indicar as experiências de vida, o que a influenciou e marcou, o que considerava relevante ou não de ser preservado, é possível narrar traços da sua biografia.

Escolher documentos para análise, dentro de um arquivo vasto como o de Eloísa Prestes, não pressupõe uma relação hierárquica entre as diferentes fontes. A escolha é arbitrária, mas não sem respeitar uma lógica e um método. Elas proporcionarão que se vislumbre Eloísa, e suas práticas dentro do arquivo. Ainda que o recorte seja feito e determinados documentos sejam mais privilegiados do que outros, o diálogo com outras fontes é indispensável para dar sentido a narrativa. Para tentar enxergar narrativas possíveis

sobre Eloísa Prestes através de seus guardados, é preciso investigar quais os documentos que possibilitam pinçar aspectos biográficos que estão ora mais aparentes, ora mais subjacentes, pois quem guarda, guarda um pouco de si. O acervo construído por Eloísa deve ser entendido como produto de seu tempo, de intencionalidades específicas e, principalmente, como uma construção narrativa a respeito de seu passado.

Ainda que a abertura desses arquivos possibilite essa perspectiva de olhar, é preciso indicar que essa narrativa visa a um determinado passado e dada experiência. Não intentamos ver e analisar as fontes como uma verdade única. Trataremos de construir uma versão possível a partir das relações estabelecidas entre as fontes e os problemas direcionados a elas. Entende-se que um sujeito que guarda forja seu passado. E ao forjá-lo, esconde, seleciona e excluí pontos, às vezes, considerados insignificantes, omitindo partes do passado, selecionando apenas a narrativa que pretende preservar, construindo uma imagem em torno de si.

O encanto pelo arquivo pessoal, segundo Gomes (1997), não pode cegar o pesquisador ou pesquisadora. É preciso manter-se atento para não produzir uma narrativa romanceada sobre quem guardou um arquivo ou para não reforçar narrativas históricas que sejam elogiosas demais a ponto de cegar-se completamente a outros vestígios encontrados no acervo. Pois é tido como um fato que "o arquivo privado é [...] o meio de acesso mais direto ao personagem e à trajetória que se pretende investigar. [...][mas] os arquivos deveriam ser tomados, eles próprios, como objeto sociológico e histórico, permitindo revelar ideários políticos, projetos pessoais e processos sociais neles investidos" (HEYMANN, 2005, p. 1).

Por isso é preciso ter cautela ao trabalhar com esse tipo de documento. Eles podem ludibriar os sentidos de quem analisa, pois ali está contido a imagem que o titular do arquivo deixou à mostra, isto é, o conjunto de papéis guardados, bem como as análises do historiador ou historiadora não tratará de referendar que algo aconteceu, provar que aquilo existiu no tempo histórico, mas significa entendê-lo como um produto. Ouvi-lo, percebê-lo e entendê-lo como sendo uma elaboração da sua experiência no tempo ao que viveu. (GOMES, 2004, p. 14). Nesse sentido, entender o arquivo como uma fabricação política de uma memória é importante para que se possa visualizar parte daquilo que se encontra subjacente ao que pode ser visto de imediato. Olhar o que não se manifesta claramente permite entender que não é um aglomerado de papéis que foram deixados ao acaso. Geralmente não o é e isso deve ser considerado quando se pensa a constituição do arquivo e de si através de seus guardados.

Pretende-se pensar como a composição desse arquivo permite enxergar uma experiência no tempo e como a preservação desses documentos possibilitam apontar para a construção de uma memória política sobre os diversos movimentos de mulheres que Eloísa

vivenciou. A fim de mostrar como isso opera dentro do arquivo traz-se alguns documentos preservados. Assim, intenta-se fazer emergir documentos antes considerados *ordinários* ou de segunda categoria que possibilitam novas pesquisas.

A atribuição de valor histórico aos registros femininos, permite que novos olhares sejam lançados para o passado, permite reparar memórias que estiveram a muito subjacentes. Essa nova possibilidade de ler o passado através das memórias, surge da necessidade de "viver no presente e a projetar-se no futuro." (RICOEUR, 2005, p. 2). Isso quer dizer que as inquietudes/problemas do presente nos levam a vasculhar o passado em busca desses novos referenciais que faltam e por isso, essa memória ressurgida age no campo simbólico, no processo de reparação, de ressarcimento, de *justa memória* (RICOEUR, 2007).Visando compreender e interpretar o arquivo pessoal de Eloísa como uma imagem deixada de si e de outrem do passado, criando uma narrativa que possibilite uma *justa memória*, se discorre mais detidamente sobre os documentos do arquivo.

Para começar essa memória subalternizada, os holofotes serão direcionados a um dos cadernos biográficos que contém o arquivo pessoal de Eloísa. Há em um deles um registro manuscrito de 10 de maio de 1959. Nesse, em especial, não há indicação de que seja de alguma personalidade feminina. O texto ocupa três páginas e dá indícios da atuação de Eloísa em movimentos femininos da época. A partir dessa evidência é possível ler um pouco mais sobre sua vida e seus interesses pessoais e políticos. A leitura do documento indica que é um discurso preparado por ela e que provavelmente foi proferido em um evento de mulheres. O texto talvez seja uma fala preparada para um evento feminino pois, no início do mesmo ela descreve o que seria um agradecimento "Dia das mães 10/5.1959; Agradecer ao convite para a hom. [homenagem] ao dia [das mães];Saudar todas às mães presentes; Histórico do dia"[9]

Ao longo desse texto, Eloísa apontou um breve histórico sobre o dia das mães e fez isso indicando-o como um dia político. Ela evocou algumas personagens femininas com o intuito de projetar essas mulheres como referência de inspiração. Essa projeção discursiva de dar importância a figuras maternas é feita a fim de engajá-las nos movimentos sociais de sua época, bem como alinhar essa massa de mulheres as pautas levantadas pela esquerda. O fato de alinhar o movimento de mulheres às pautas de esquerda, principalmente, as que eram encabeçadas pelo PCB, está diretamente ligada à atuação do Partido frente as massas e o ato de construir um amplo engajamento da população (ALVES, 2017).

9 Excerto retirado de fonte.

Cabe destacar que a conformação da imprensa comunista brasileira estava alinhada ao leninismo que tinha como principal característica a organização das massas com o intuito de evitar a conformação de movimentos sociais desorganizados. A atuação do Partido baseada nesse pressuposto entendeu que era na organização das massas e na coordenação de movimentos ordenados que os objetivos da luta seriam mais facilmente alcançados. A necessidade de constituir uma unidade era reforçada tanto na imprensa quanto nas falas de comunistas. Essa forma de agir seria também expandida para as organizações femininas que começavam a surgir no Brasil. É sabido que a imprensa comunista estava se consolidando. No caso aqui abordado, os indícios dessa forma de arranjar as estruturas sociais podem ser vistos quando Eloísa indica no seu discurso que os movimentos devem se unir em prol de uma causa maior, principalmente, fazendo parte das "Uniões femininas". Em seu discurso, Eloísa aponta para o fortalecimento das organizações femininas, para a partir desse lugar fosse possível discutir e pensar em medidas para a solução de problemas vividos pelas mulheres.

Ao encorajar a atuação das mulheres no combate as mazelas sociais que diziam respeito ao seu espaço de sociabilidade, lar e infância, davam unicidade a essas organizações angariando adeptas aos ideais defendidos pelo PCB, mas sempre restringindo-as ao combate a tudo aquilo que afetava diretamente a maternidade e o lar. O discurso de Eloísa foi construído nessa perspectiva, unificar o movimento de mulheres em uma causa abrangente e que dissesse respeito a todas as mulheres presentes. Nesse sentido ela disse que "Não devemos somente homenagear e sim fazer qualquer coisa pelo bem daquele [que] a damos a vida. União para podermos 1 só força pedir ao n/gov. [nossos governantes] mais materni. [maternidades]; mais escolas (principal); [...]; mais hosp. Infantil; mais clínicas inf. [intantis] Isso só c/ [com] democracia. que deve ser reforçada." [10]

Nesse trecho podemos ver que há um esforço em atrelar as necessidades cotidianas das mulheres a defesa da democracia, pois apenas com democracia, suas lutas teriam êxito. Pode-se perceber que há um movimento de construir essa união feminina. Fica evidente em sua fala a necessidade de transformar um movimento desordenado em algo organizado para que se pudesse conquistar tudo o que foi elencado. Esse discurso estava em consonância ao processo de rearticulação do Partido. Ele indica que há um esforço coletivo para se construir um movimento de mulheres com suas pautas próprias e necessidades específicas. E por isso é possível indicar que há um processo de articulação das mulheres que está alinhado a crescente disseminação das pautas feministas que começavam a inserir-se no contexto brasileiro.

10 Excerto retirado da fonte.

A mobilização do PCB para a articulação de novos membros, principalmente no que tange há adesão feminina, se deu principalmente através da imprensa. Essa articulação se fez necessária visto que, após os levantes de 1935, suas lideranças foram cassadas e presas durante o governo Vargas, desarticulando o Partido e colocando-o na ilegalidade, por fazerem oposição ao governo. Ainda que estivessem um bom tempo fora do páreo, em 1943 quando o Brasil se juntou a outros países para combater o avanço do nazifascismo, o PCB adotou uma nova posição. Alinhou-se as políticas de guerra de Vargas. Essa mudança de posição, deu-se no cenário que a ordem geral, dos diversos partidos comunistas espalhados pelo mundo, era a de combate ao regime nazista. Outro motivo que levou a mudança, foi o reestabelecimento das relações diplomáticas com a União Soviética. Após essa virada na política brasileira, os comunistas presos são anistiados, o Partido é legalizado e conquista cadeiras no governo (PANDOLFI, s.d. p. 1)[11]. Apesar de o partido ter participado das eleições em 1945 e ter angariado cadeiras no governo de então, os mandatos dos políticos que se elegeram são caçados e o partido retorna à ilegalidade.

Após essa virada, visando reestabelecer a adesão popular o PCB investe na imprensa partidária para projetar suas ideias e lutas. Disseminar as pautas da esquerda não era algo simples, e encontraram nas mulheres a possibilidade de ser as porta-vozes de sua ideologia a fim de organizar as massas e transformar ações dispersas em movimentos organizados (LEÃO, 2003). Nesse sentido, o Partido encontrou na imprensa

> um campo extremamente produtivo para transformar práticas dispersas em práticas orientadas, objetivando, através das instruções e depoimentos publicados em seus periódicos, evitar os possíveis desvios e aumentar a força política do grupo. Luís Carlos Prestes enfatizava insistentemente que todos os comunistas tinham o dever de conseguirem a vitória popular em cada município, pois esta tarefa atual apresentava-se como uma das maneiras práticas de lutar pela legalidade do Partido. Todos os militantes acataram esta instrução, sobretudo as mulheres comunistas que, apesar do seu reduzido número, empenharam-se na luta para manter a organização em sua legalidade, conquistando uma considerável adesão de mulheres, após organizarem em 1946, as Uniões Femininas. (LEÃO, 2003, p. 34)

Os apontamentos feitos por Leão, bem como os excertos das fontes, indicam que as mulheres comunistas estiveram profundamente envolvidas na organização e articulação do Partido e na difusão de pautas da esquerda. A forma que encontraram de engajar a população para a articulação do Partido foi através das pautas femininas que estavam atreladas a uma ideia de bem-estar social. Chamavam ao engajamento político através de questões próprias do que era considerado mundo feminino. Atrelavam a garantia de direitos, principalmente, aqueles ligados à sua condição feminina, a defesa da democracia. A condição feminina

11 O texto foi escrito pela autora para o site do CPDOC e está disponível em: < https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/artigos/DoisGovernos/CassacaoPC>. Acessado em 15 de novembro de 2019.

referida diz respeito a visão tradicional sobre a esfera a qual pertenceriam as mulheres, o espaço do lar. A partir dessa noção sobre o espaço de atuação delas, as lutas empreendidas estavam associadas a defesa do lar, da família e dos filhos.

Essa forma de conceber e encorajar os movimentos femininos pode ser vista quando olhamos para um dos cartazes de eventos femininos que está no arquivo de Eloísa. Esse em especial, trata do I Congresso da Federação de Mulheres do Brasil[12] que ocorreu em São Paulo, dos dias 28 a 30 de julho no início década de 1950. Ainda na década de 1950 a FMB realizou e participou de diversos eventos regionais e internacionais. (ALVES, 2017). Como mencionado, os movimentos femininos estavam associados ao que se considerava como condição feminina e pode ser visto no documento que indica as principais questões abordadas no Congresso. Entre as temáticas estavam: defesa da paz, defesa da criança e contra a carestia. As lutas femininas da época não tinham necessariamente o intuito de dissociar as suas pautas de questões mais gerais.

Se esse documento pode ser analisado como um convite, entendemos que há um alinhamento ideológico. Identificado isso, podemos inferir também que esse material serviu para a divulgação do evento, com isso, é possível imaginar que ela possa ter ajudado na divulgação. E mais, se está nesse arquivo é porque foi entendido como algo importante de ser preservado. E é a partir dessas e de outros documentos que se poderá analisar o seu arquivo como um lugar onde há uma preocupação em preservar uma memória política das lutas femininas.

A noção de que deveriam engajar-se por causas mais gerais e não, especificamente, sobre as questões que lhes eram próprias, se alteraria ao longo do tempo. Mas, não sem encontrar resistências por parte de uma parcela da esquerda brasileira do período. Como dito, engajavam-se através do Partido Comunista Brasileiro e ainda que estivessem empenhadas em lutas para conquistas voltadas às mulheres, o Partido considerava essas questões adjacentes (ALVES, 2018). Havia tensões e disputas e conforme indica Rachel Sohiet (2007) "a maioria dos grupos de esquerda, tampouco, era simpática às demandas feministas, considerando o movimento divisionista, além de julgá-lo um fenômeno importado e de caráter burguês" (SOHIET, 2007, p. 244). O movimento feminino encontrou resistência que não perduraria para sempre. Após o retorno de mulheres exiladas que estavam inseridas em discussões feministas alterou-o de maneira significativa.

12 A Federação de Mulheres do Brasil, foi fundada em 1949 e tinha como principal intuito a unificação dos diversos movimentos femininos que se espalhavam pelos estados do Brasil. (ALVES, 2017)

Essa transformação se dá também através das novas demandas sociais que surgiam e, principalmente, a introdução de novas ideias a respeito do papel da mulher na sociedade trazidas pelo feminismo. Ainda em se tratando da década de 1940/50 e da estrita relação entre o movimento feminino, maternidade e infância, atreladas a defesa do estado democrático e do combate ao nazifascismo, uma das tarefas empreendidas pela União Feminina (que estava ancorada nas pautas defendidas) mobilizou um número considerável de mulheres comunistas para a campanha de libertação de Anita Leocádia Prestes, da Alemanha Nazista, quando enviada no ventre de sua mãe Olga Benário Prestes. (LEÃO, 2003).

Cinco anos antes da data do discurso anteriormente citado, Eloísa participou como delegada da Conferência Latino-americana de Mulheres que ocorrera dos dias 27 a 31 de agosto de 1954, no Rio de Janeiro. Essa conferência aparece em meio a um cenário político efervescente que apresentava uma crescente atividade dos movimentos femininos na América Latina. Eles começavam a discutir os problemas relacionados as mulheres e as especificidades das latino-americanas referentes as especificidades dos países latino-americanos. Além do contexto de ebulição dos movimentos feministas, a morte de Vargas agitou ainda mais os ânimos. A oposição conservadora ao varguismo, alimentada por um anticomunismo tentou impedir que a Conferência acontecesse na capital, mas sem sucesso (MACEDO, 2001).

As pessoas que organizaram a Conferência foram as mulheres da Federação de Mulheres do Brasil. Ainda que almejasse se constituir como uma organização apartidária as mulheres comunistas tiveram papel fundamental para impulsionar a imagem da Federação num cenário nacional, pois veiculavam amplamente através da imprensa comunista, e principalmente, a imprensa feminina do PCB - as ações dessa organização.

O documento citado permite ler também que algumas comunistas estiveram ativamente envolvidas na conferência em vistas de articular esse movimento que se desenhava. Mas para além disso é importante lê-lo como um indício biográfico. Provavelmente, ela foi representar as organizações femininas do Rio de Janeiro considerando que morava lá, suas fontes podem indicar algum envolvimento dela em organizações de bairro e em organizações femininas.

No decorrer da década de 1940, após a crise que passaram e a ilegalidade do Partido, a atuação das mulheres como disseminadoras das ideias pecebistas, contribuíram para que o Partido não desaparecesse completamente da política brasileira. Isso foi possível a partir da fundação da Federação de Mulheres do Brasil, que, ao promover em alguma medida as ideias do PCB, articulavam outras mulheres em prol de um movimento nacional significativo. (ALVES, 2017). As ações encabeçadas por mulheres, tinham como pautas principais as

campanhas pela paz. Isso era incentivado de maneira significativa pelo PCB, porque acreditavam no poder da sensibilidade feminina a fim de comover as pessoas em prol dessa mesma bandeira (ALVES, 2017).

Os documentos de seu arquivo possibilitam lê-la como uma comunista que em alguma medida seguia a linha proposta pelo Partido: de engajamento, de organização dentro das causas que diziam respeito ao seu papel social para o enfrentamento de mazelas sociais mais gerais. Essa postura comunista serviu para a abordagem das massas

> Considerando-se experientes devido ao trabalho de Partido e envolvidas com a política de massas adotada pela organização, algumas militantes apelavam às mulheres brasileiras para apoiarem as Uniões Femininas e lutarem por uma causa que preocupava a todas: a carestia de vida e o cumprimento dos direitos que lhes foram assegurados na nova Carta Constitucional de 1946. Ciente da importância das Uniões Femininas e convicta sobre a relevância da causa que abraçara, porque embasada nos princípios da tradição revolucionária, adquiridos na organização, Heloísa Prestes afirma que as organizações " [..] devem ser criadas em todos os estados do Brasil, até que se possa chegar à formação de uma grande organização nacional de mulheres democratas e progressistas do Brasil em luta por um Brasil melhor para todos nós e para o nosso povo esfomeado e sofredor".[...] Este apelo encontrou respaldo no interior do Partido, que por sua vez, indicou a todos os revolucionários a leitura atenta do artigo publicado pela militante, chamando também a atenção para a relevância da sua nova proposta política. (LEÃO, 2003, p. 35-36)

Ainda que sua atuação e inserção no campo das lutas femininas estivesse ligada a abordagem proposta pelo Partido Comunista, possivelmente, Eloísa Prestes se reconhecia nas pautas que defendia e não somente por seguir a linha do PCB, mas por ser afetada pela forma como a sociedade se estruturara. A hipótese que levantamos é sobre a atuação de Eloísa dentro do Partido Comunista Brasileiro e nas organizações femininas. A partir do que indica Leão (2003), Eloísa era uma voz ativa, assim como outras mulheres o eram. Organizavam-se e encontravam táticas para atuar politicamente dentro do se entendia como sendo o seu papel social. Agiam conforme era possível dentro das possibilidades que encontravam, muitas vezes, um ambiente hostil a presença feminina.

Elas eram, conforme indica Alves (2018) "conscientes do tempo e do espaço em que estavam inseridas, seguiram a trilha mais adequada aos seus objetivos." (ALVES, 2018. p. 438). O trecho do discurso de Eloísa que foi publicado no jornal *A classe operária* e que fora recomendado a leitura para os demais militantes, aponta para a hipótese que se levanta. Essa mulher, assim como tantas outras, ainda que fosse figura proeminente dentro do Partido e com certo grau de influência, não recebeu a mesma atenção das narrativas históricas construídas, principalmente, pelo Partido ao qual fez parte durante sua vida e lugar onde se engajava politicamente, defendendo as suas pautas.

Iracéli Alves indicou que ao consultar outras memórias femininas percebeu um padrão de negligências em relação à atuação política delas dentro do Partido. A autora assinalou que até mesmo as narrativas produzidas por mulheres atuantes dentro do Partido não tinham como foco a militância feminina, indicando que "não era incomum entre as próprias mulheres a ideia de que suas atividades políticas eram irrelevantes." (ALVES, 2017, p. 1). Acredito que esse não era o caso de Eloísa. Ao preservar as memórias de mulheres em seu arquivo, o fez, pois, considerava a militância feminina como algo relevante - tão importante que elegeu esses recortes para preservar em seu arquivo.

A salvaguarda dessas peças indica que, além de considerar importante as trajetórias políticas femininas, utilizou-as como instrumento para construir-se como militante. A sua prática de leitura e preservação permite-se inferir que além de preocupada em preservar essas narrativas, Eloísa instrumentalizava-se e inteirava-se das discussões promovidas por mulheres através dos boletins informativos, de notícias veiculadas dos Encontros. Enfim, todo o seu arquivo reflete seu *espaço de experiência*, seu campo de atuação política e seus interesses. Evidenciar a importância da militância feminina e em especial a militância empreendida por Eloísa Prestes descortina uma prática recorrente na história de silenciamento da ação feminina em diversos setores sociais.

Referências

ABREU, Luciano Aronne de. Autoritarismo e Desenvolvimento no Brasil. *Historiæ*, Rio Grande, v.1, n.3. 2010. p. 117-130.

ALVES, Iracélli da Cruz Alves. Os movimentos feminista e comunista no Brasil: História, memória e política. *Tempos Históricos*, v. 21, 2017, p. 107-140.

ALVES, Iracélli da Cruz. Mulheres, PCB e Feminismos: disputas e tensões (1930-1937) Revista Esboços, Florianópolis, v. 25, n. 40, p. 435 - 452, dez. 2018.

BAZANT, Milada. Biografía: métodos, metodologias y enfoques. Zinacantepec, estado de México.El Colegio 2015, Buscando los goznes em la biografia de Hidalgo/Carlos Hertejón Peredo, p. 41-52.

BOTELHO, Sheila Regina Oliveira. Mulheres militantes no acervo do AMORJ. Rio de Janeiro, 2007.

FISHUK, Erick. Comintern e América Latina. 2016. Disponível em: < http://www.fishuk.cc/2016/08/ic-america.html#volta4> Acessado em 24 de janeiro de 2020.

GOMES, Angela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro, editora FGV, 2004.

GOMES, Angela de Castro. Nas malhas do feitiço: o Historiador e os Encantos dos Arquivos Privados. *Estudos Históricos*. 1997 p. 121-127 Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2069/1208> Acessado em 24 de janeiro de 2019.

HEYMANN, Luciana. De "arquivo pessoal' a "patrimônio nacional": reflexões acerca da produção de " legados". Rio de Janeiro: CPDOC, 2005.

KARPINSKI, Cezar. Memória arquivada: reflexões sobre documentos e arquivos a partir de Paul Ricoeur. In: XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB): Informação, Memória e Patrimônio: do documento às redes, 2015, João Pessoa, ISSN 2177-3688. Pôster apresentado no GT 10 – Informação e Memória. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/43907> Acessado em: 19 de janeiro de 2019.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado – contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006

LEÃO, Viviane Maria Zeni. Momento feminino: Mulheres e o imaginário comunista (uma nova história; uma história nova) 1945-1956. 2003 Ciências Humanas Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

LINS, Marcelo; FERREIRA, Alane Sousa. As questões de gênero no interior do Partido Comunista do Brasil – PCB (1928-1947). *Temporalidades*, v. 7, n. 2 (mai./ago. 2015), Belo Horizonte.

MACEDO, Elza Dely Veloso. Ordem na casa e vamos à luta: movimento de mulheres Rio de Janeiro 1945-1964. Tese de doutorado Universidade Federal Fluminense. 2001.

PANDOLFI, Dulce. Entre dois governos: 1945-1950 > A cassação do Partido Comunista no cenário da Guerra Fria. s.d Disponível em: < https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/artigos/DoisGovernos/CassacaoPC > Acessado em 24 de janeiro de 2020

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Trad. Doara Rocha Flaksman. *Estudos históricos*, 1989.

PRESTES, Lygia. Leocádia Prestes: Mãe Coragem! 2008. Disponível em: <https://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com_content&view=article&id=87:leocadia-prestes-mae-coragem&catid=6:memoria-pcb> Acesso em: 24 de janeiro de 2018.

REIS, Daniel Aarão. *Luís Carlos Prestes: um revolucionário entre dois mundos.* São Paulo: Companhia das letras, 2014.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento.* Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. O bom uso das feridas da memória. Publicado em: Les résistances sur le Plateau Vivarais-Lignon (1938-1945); Témoins, témoignages et lieux de mémoires. Les oubliés de l´histoire parlent, Editions du Roure, 2005.

SOHIET, Rachel. Encontros e desencontros no centro da mulher brasileira (CMB) anos 1970-1980. *Niterói*, v. 7, n. 2, p. 237-254, 2007.